A CONDIÇÃO FEMININA NO ROMANCE "TERRA CAÍDA" DE JOSÉ POTYGUARA

Andréia da Silva Melo Rufatto[1]
Joanna da Silva[2]

Resumo:

O período de exploração da borracha na Amazônia foi marcado por sérios "distúrbios sociais" no final do século XIX e início do século XX, este trabalho busca expor uma análise dos problemas desencadeados pela ausência feminina nos seringais sediados no interior da floresta, no qual os trabalhadores, na maioria nordestinos, fugiam da forte seca que assolava sua terra natal e buscavam fazer fortuna na "nova terra". O mote principal de nossa análise é a condição imposta ao ser feminino na obra "Terra caída", do autor cearense José Potyguara Frota e Silva. Buscamos através desta análise evidenciar como a ausência feminina é fator encadeador de disputas e gerador de atitudes violentas por partes daqueles homens que viviam no isolamento da floresta. Para tanto, nos apoiamos em teóricos que versam sobre questões históricas na Amazônia, como Souza (2009), Gondim (2007), Cunha (1999), além de nos situarmos também no âmbito da crítica feminista e das relações de gênero embasados em autores como Beauvoir (1980), Millet (1970), Priore (2010), entre outros, que nos possibilitarão uma fundamentação teórica capaz de subsidiar a discussão acerca da condição e representação feminina presente no romance de José Potyguara, aqui tomado como objeto de análise.

Palavras-chave: Condição feminina; Ciclo da borracha na Amazônia; Romance de José Potyguara.

Abstract: The exploration period of the rubber in the Amazon was marked by serious "social unrest" in the late nineteenth century and early twentieth century, this work seeks to expose an analysis of the problems caused by the women's absence in the rubber plantation located in the interior of the forest, in which workers, mostly Northeastern, fleeing the severe drought ravaging their homeland and sought to make their fortunes in the "new earth." The main motto of our analysis is the condition imposed on the feminine being in the book "Fallen Earth," by the Cearense author José Potyguara Frota and Silva. We seek through this analysis to show how the female absence is chainer factor of disputes and generator of violent attitudes related to those men who lived in the seclusion of the forest. For this, we rely on theorists that deal with historical issues in the Amazon, as Souza (1994), Gondim (2009), Cunha (1999), and also situate within the feminist criticism and gender relations grounded in authors such as Beauvoir (1980), Millet (1970), Priore (2010), among others, they will enable a theoretical foundation able to support the discussion about the status and representation of women in this novel by José Potyguara, here taken as an object of analysis.

Key-words: Feminine condition; Rubber boom in the Amazon; Novel by José Potyguara.

---

[1]Acadêmica finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM.
[2]Professora Mestra do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas - Orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

1. Introdução

O ciclo da borracha na Amazônia trouxe uma era de prosperidades, a Amazônia desenvolvia-se aceleradamente, com a extração da borracha a todo vapor no inicio do século XX, a cotação da borracha junto à bolsa de valores de Londres estava em seu maior valor, Manaus vivia uma fase de comercio abundante, glamour e sofisticação trazidos da Europa. Sendo uma região que estava em constante processo de crescimento socioeconômico e em meio a tantas mudanças e avanços, dar-se ênfase à miscigenação dos povos que na Amazônia residiam logo decorrentes a conquista do território amazônico pelos europeus, sendo que o ciclo da borracha resulta ainda na migração de trabalhadores nordestinos, e posteriormente suas famílias.

A vinda de nordestinos com suas famílias para a Amazônia insere dentro dos seringais a presença feminina, algo até então bem escasso neste contexto, devido à lei ser especifica quanto aos seringueiros com família, pois não davam tanto lucro quanto um seringueiro solteiro. O que desencadeia uma série de conflitos em torno do ser feminino e de sua presença no ambiente, porém a presença feminina ainda assim permanece carente no seringal, sendo muitas vezes motivos de conflitos e mortes entre seringueiros.

A presença feminina no seringal contextualiza-se dentro de uma das mais belas obras regionalistas da literatura amazônica, “Terra Caída” de José Potyguara, a qual o foco de análise é a personagem feminina principal, Rosinha, cuja trajetória denuncia a objetificação sexual, a exploração e submissão do ser feminino; vista pelos seringueiros apenas como um objeto, esta, se porta como tal e degrada-se, transformando-se ao longo da narrativa a principal causa de conflitos e mortes no seringal. Assim a análise visa evidenciar os fatores encadeadores da condição social da personagem.

Simone Beauvoir (1970) afirma que o ser feminino é o ‘outro’ na sociedade machista patriarcal, descrito como um ser inferior e sem história, porém Priore (2010), observa a importância da história das mulheres e de como o ser feminino conquistou seus espaços ao longo dos séculos, e Millet (1970) demonstra de que forma a mulher é considerada como um ser sexual na literatura sexista.

Dentre essas teorias destacam-se vários aspectos e causas da subordinação e remissão do ser feminino ao homem, e a condição da mulher dentro de uma sociedade conservadora e hipócrita, quando designa a mulher a um papel secundário na sociedade, marcada pelos autoritarismos do patriarcado e das conservações religiosas em torno do ser feminino, o que se observará com clareza no livro “Terra Caída”, em que a personagem Rosinha é posta como um

ser cujo único objetivo é ser objeto sexual dentro da realidade machista na qual está inserida no seringal.

Bem como Souza (2009), também faz um relato histórico e minucioso da região amazônica no período do ciclo da borracha, juntamente com outros teóricos como Gondim (2007), assim explicando os primeiros processos de colonização da Amazônia, a descoberta da borracha. Cunha (1999), com seu estudo de cunho geográfico da região e dos trabalhadores dentro dos seringais, entre outros que subsidiaram nossa discursão nesta obra.

Logo, a analise vem referenciar a respeito da sociedade e da literatura, como ambas se entrelaçam com a história e como os costumes e valores são repassados para a sociedade, de forma literária, evidenciado a importância da literatura para a sociedade, entretanto o sentido expressado na obra analisada deixa evidente as características sociais em forma de arte, tendo a literatura sua função social.

2. A literatura no âmbito das relações históricas e sociais.

A produção literária, desde os primórdios de sua criação, tem exercido importantes funções na vida humana desde que o homem começou a produzir e se expressar por meio da própria arte. Tais funções, segundo Antônio Candido (2002), podem ser de natureza psicológica, formadora e social (entre outras).

A psicológica surge da capacidade e necessidade criativa e de fantasiar, características essas próprias do ser humano em meio ao mundo que o cerca; já a função formadora, atua como instrumento educacional, ou seja, uma espécie de mecanismo de formação do indivíduo através de ensinamentos e ideologias que são repassados de geração a geração; e por fim, a função social, que pode ser entendida como aquela em que o ser humano reconhece seu papel em meio a realidade na qual se encontra inserido.

A literatura costuma (re)apresentar diferentes contextualizações, sejam elas de características históricas, sociais e/ou comportamentais, assim como também a cultura, os valores e crenças de determinados grupos sociais, o que nos permite a possibilidade de estudos e pesquisas dos mais diversos fatos relacionados ao ser humano em diferentes momentos históricos. Desse modo, a literatura, segundo Candido (1972), por meio de seus instrumentos peculiares, busca expressar os anseios e fantasias próprios do homem:

> A arte, e, portanto a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 1972, p.53).

Candido enfatiza a indispensável presença de um elemento de manipulação técnica, aponta o fator determinante para a classificação de uma obra como literária ou não. Esse elemento compreende-se como linguagem literária, a qual estabelece uma nova ordem para os eventos representados, mantendo um elo com a realidade natural. Embora a literatura permita a criação de novos universos, esses são baseados, ou inspirados, na realidade da qual o escritor participa. Dá-se a afirmação de que a literatura é atrelada à realidade, mas dela foge através da estilização de sua linguagem.

Dentro desse contexto, pesquisas apontam que História e Literatura, do ponto de vista epistemológico, são formas distintas de representar ou expressar o mundo, pois cada uma se constrói a partir de diferentes pontos de referência, mantendo como vínculo, ou possibilidade de aproximação, a ligação que ambas estabelecem com a realidade natural, ou seja os fatos históricos e sócias da sociedade.

Embora a literatura permita a criação de novos universos, esses são baseados, ou inspirados, na realidade histórica e social, na qual o escritor busca respaldar sua atividade criativa, uma vez que, como nos afirma Marisa Lajolo (1981), a literatura vincula-se à realidade através da História, embora se individualize desta por meio de sua estilização:

> É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana (LAJOLO, 1981, p.38).

Expõe se uma narrativa ficcional que está relacionada à maneira como o texto foi escrito, ou seja, a linguagem utilizada pelo seu autor, pois, como afirma Bonnici & Zolin (2009, p. 177): “Não acreditamos que um texto literário seja melhor porque reflete bem a sociedade; mas, sim, que um texto literário seja melhor porque trabalha a linguagem literária de forma criativa, porque utiliza “os espaços em brancos” (interstísticos) para enriquecer as possibilidades de leitura.”.

Portanto, a função exercida pela linguagem na literatura atua de maneira atrativa cuja função consiste em cativar o leitor para um maior envolvimento e conhecimento intelectual, permitindo tornar-se um sujeito crítico e reflexivo, capaz de compreender a si mesmo e o mundo que o cerca.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (2000), ao discutir as relações entre história e natureza humana, a literatura ao longo de sua história significou utilizar como elemento essencialmente ligado ao homem, à construção de seu conhecimento, sua formação e desenvolvimento nos mais diferentes campos do saber, seja ele de natureza religiosa, político, social, ética, intelectual e/ou estético:

> Ela é a *linguagem da representação*, *linguagem imagística* que, como nenhuma outra, tem o poder de concretizar o abstrato (e também o indizível), através de comparações, imagens, símbolos, alegorias, etc. Desde o início dos tempos históricos, ela tem sido a *mediadora* ideal entre as mentes imaturas com sua precária capacidade de percepção intelectiva e o amadurecimento da inteligência reflexiva (a que preside ao desenvolvimento do pensamento lógico-abstrato, característico da mente culta. (COELHO, 2000, p. 43)

Podemos observar que os direcionamentos apontados pelos estudiosos/críticos conscientizada na obra literária enquanto objeto de construção do conhecimento entre vivência cotidiana e realidade sociocultural, que se transpõe para o plano literário a partir do discurso autoral/intelectual estabelecendo um acordo por meio de conceitos históricos e sociais que lhe atribuem autenticidade e significado, o que nos permite, através do texto literário, desenvolver discussões e pesquisas sobre diversos temas, como a representação feminina na sociedade histórica e discussões sobre a condição da mulher em meio sociedade patriarcal e machista.

3. A condição e representação do ser feminino na literatura.

Durante séculos a mulher foi muitas vezes representada socialmente de forma estereotipada, como um ser socialmente inferior ao homem. Tida como “sexo frágil”, a imagem da mulher esteve em alguns momentos relacionada a um ser indefeso, carente da proteção masculina, em vez de ser reconhecida e valorizada por seu papel feminino diante das responsabilidades familiares. Seu lugar foi socialmente designado pelo homem, que atribuiu para si à esfera pública, renegando à mulher o convívio e os direitos sociais, por conta disso tira

proveito dessa divisão de trabalho para tornar a mulher um ser inferior, restringindo-a apenas a serviços voltados à subsistência de si mesmo.

Segundo Simone de Beauvoir (1970), o homem criou mitos religiosos para subjugar a mulher e lhe mostrar seu lugar, como exemplo, Eva sendo a primeira mulher vista pela sociedade machista do patriarcado, não sendo criada juntamente com Adão, mas, moldada a partir do corpo do "seu homem", e Deus a criou apenas para um único propósito: destiná-la ao homem e seu zelo. Ou também, como Maria, que no cristianismo faz da mulher um objeto submisso e preso ao homem, quando ela diante do próprio filho diz "Eu sou a serva do Senhor" (BEAUVOIR, 1970, p. 10).

Segundo Beauvoir (1970), a mulher está se propondo a prestar o papel de inferioridade, é a "suprema vitória masculina que se consuma no culto de Maria" (BEAUVOIR, 1970, p. 10), e sendo reconhecida por tal sofrimento, ou exemplo de boa mulher, ela é elevada à santa, e vista como íntegra e com seus princípios femininos intocados. Ressalta ainda que a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo, mas sim posta na condição de determinar-se e diferenciar-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. "O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro". (BEAUVOIR, 1970, p.10)

A condição estabelecida para a mulher no advento do patriarcado é injusta e esta deve libertar-se de todas as maneiras da visão machista, porém ainda hoje é vista por sua resignação na qualidade de mulher sexualmente escravizada, cuja principal função é a de perpetuação da espécie, ou pelo fato de sua sexualidade estar sempre relacionada com o desejo masculino e a perda de sua identidade sexual.

A história relata conquistas femininas em várias áreas, tais como o direito ao voto adquirido na era Vitoriana, o direto do uso de métodos contraceptivos e posteriormente o divórcio, assim, sociedade moderna inseriu a mulher lado a lado com homem no mercado de trabalho, conduzindo suas vidas para que pudessem exercer funções masculinas; o que resultou no surgimento de mulheres independentes, capazes de traçar seus objetivos e alcançá-los, bem como construir oportunidades de participarem da sociedade, e de serem sujeitos sociais.

A mulher buscou contribuir com a sociedade através da escrita literária, que muito antes só era permitida aos homens. Com isso, produziam uma literatura gerada pela contemplação emotiva, cujo referencial de valores se pautava pelos padrões que a sociedade cristã/patriarcal impunha.

Kate Millet (1970), ressalta a questão do estereótipo feminino, e explica que enquanto aos homens eram dados os principais personagens, as discussões, aventuras e reflexões, para a

mulher sobrava o silêncio e a submissão, como se os autores masculinos, em suas narrativas, colocassem tudo numa perspectiva e em um direcionamento totalmente masculino, dando a entender que todos os leitores fossem do sexo masculino também.

Apesar de a figura feminina ser muitas vezes estereotipada apenas como ser submisso, ela era vista também como um ser sexual e perigoso que envolvia e enlouquecia o homem levando o a fugir de seus sentidos normais. Na literatura a mulher era considerada um ser supremo e emudecido, dotado de beleza e qualidades sexuais, ainda assim sendo subjugada como inferior e possuidora de qualidades negativas que priorizavam mais uma vez sua abjeção, fazendo da mesma um ser negativo, porém segundo Thomas Bonnici & Lúcia Osana Zolin (2009) apud Millet (1970):

> Ao trabalhar no sentido de responder a essas questões, as(os) crítica(os) feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como um anjo capaz de se sacrificar pelos que o cercam. Sendo que a representação da mulher como incapaz e imponente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbra na megera e na adultera remete a rejeição e a antipatia (BONNICI & ZOLIN, 2009, p. 226).

Embora em alguns momentos a mulher fosse retratada como heroína, devastadora sedutora e envolvente nas obras de autoria masculina, sua posição distinta não importava, pois a ela era impedido o poder de optar pelo seu destino, restando apenas a ocupação de um segundo lugar. Surge assim, à necessidade de desvendar dentro da literatura uma história voltada para o ser feminino, escrito por uma voz feminina, englobando sua condição social, sua luta e desígnio imposto nas diferentes classes sociais, algo até então ignorado ao longo dos séculos.

A literatura passa a desconstruir, mesmo de forma muito conservadora e romantizada, o estereótipo feminino, e visa, ao longo dos anos, desmontar os conceitos e conjecturas em torno do ser feminino, com o intuito de promover mudanças de mentalidades. Numa luta incessante entre poder e sexo, onde a mulher ocupa um lugar na sociedade marcado pela sua resignação, aprisionada de seus ideais, Mary Del Priore (2010), afirma que:

> [...] A história das mulheres engloba, portanto, a história de suas famílias, de suas crianças, de seu trabalho, de seu cotidiano, de suas representações na literatura, na mídia, na sociedade na qual estão inseridas. Sua história é a história de seu corpo, sua sexualidade, da violência que sofreu e praticou, da sua loucura, dos seus amores e outros sentimentos. Sua história é, igualmente, a das representações que se fazem sobre elas, representações que fazem sonhar, como

> as que giram em torno da "casta", "da boa esposa e boa mãe", da "sedutora", mas representações que fazem odiar, como as que cercam as feiticeiras, as lésbicas, as rebeldes, as anarquistas, as prostitutas ou as loucas (PRIORE, 2010, p. 234).

Muitos são os mitos, as histórias e os contextos machistas que até o século XIX estereotiparam a figura feminina nas obras literárias. Contudo, a mulher por sua vez sai da posição de marginal, para ser criadora, e, enquanto escritora consegue livrar-se de certos ressentimentos que a escrita masculina deixou em suas obras; e quando cria sua própria literatura, seus textos vão problematizar a questão da mulher referente à igualdade diante dos homens.

4. A mulher na Amazônia

Na literatura e na sociedade a mulher foi estereotipada como um ser submisso, sexual, no entanto, perigoso e envolvente, e com a mulher Amazônica não fora diferente. Ela foi representada como algo belo, desejado, sofrido e inalcançável; seguidora de valores de uma ideologia patriarcal, e figurada como causadora de sofrimentos amorosos masculinos. A mulher amazonense recebeu atribuição de qualidades negativas, o que se evidencia no ciclo da borracha da Amazônia, marcado por uma série de abusos contra o ser feminino.

Na obra "Terra Caída", de José Potyguara, evidenciam-se a escassez de mulheres, a exploração do ser em meio à floresta e as péssimas condições de vida em que os seringueiros estavam subordinados. O sexo era visto como um privilégio de poucos, apenas os seringueiros que haviam chegado com família tinham o benefício do sexo, pois possuíam uma esposa, caso contrário somente os seringueiros que tivessem o "saldo" poderiam pedir ao coronel que lhe mandasse uma esposa ou uma mulher para práticas sexuais, ou seja, uma prostituta.

Mais uma vez a mulher era subjugada, o que nos remete ao que Beauvoir (1970) afirma: "Ela não é senão o que o homem decide que seja" (Beauvoir, 1970, p. 10), logo um produto de comércio, a prostituta, essa que lhe custava caro, mas para o seringueiro, que tinha apenas o assolamento da floresta como companhia, a mulher era uma forma de amenizar seu sofrimento, o que fazia dela ser tão cobiçado, tornando-a muitas vezes motivo de tragédias e disputas violentas, como explica Márcio Souza, (2009):

> [...] Essa penosa contradição legou uma mentalidade utilitarista em relação á mulher. Na sociedade tribal amazônica, a mulher estava integrada sob diversas formas de submissão. Com o extrativismo da borracha, em que a procura era maior que a oferta, ela seria transformada em bem de luxo, objeto de alto valor,

> um item precioso na lista de mercadorias, uma mobília (SOUZA, 2009, p. 264).

Desta forma, a condição da mulher dentro dos seringais era semelhante a dos seringueiros, marcada pela condição em que o ambiente hostil da floresta e do seringal lhes impunha. A mulher não era vista como um ser humano, mas sim um objeto de comercialização. A maioria teria o destino trágico e aberrante da prostituição, visto as péssimas condições de vida em que se encontravam nos seringais, o que também propiciava a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, devido uma mulher ter vários parceiros sexuais sem o uso de proteção.

A posição do ser feminino na Amazônia, principalmente no ciclo da borracha é evidenciada por inúmeros designíos, tais como a submissão, objetificção e escravização sexual, se por um lado o seringueiro estava destinado á exploração e sofrimento por um sistema de aviamento feudal, em que o baixo preço pago á borracha não compensava o valor exorbitante do aviamento, levando assim a escravização, a mulher seria escravizada sexualmente pelos seringueiros.

Assim, a posição da mulher na Amazônia é marcada com a violência da colonização, enquanto índia inocente e vulnerável, depois com o ciclo da borracha enquanto filha de seringueiro, vista apenas como um objeto sexual, pronta e disposta apenas a satisfazer o desejo masculino, na visão do patriarcado, e enquanto esposa e sua condição social, é de resignada a obedecer aos parâmetros de uma sociedade machista e conservadora, presas em seus palacetes da Manaus da *Belle époque* ou nos casebres dentro dos seringais, sua função dentro da sociedade para ambas a mulheres era a mesma, manter sua família e respeitar seu esposo, sem voz e sem vontade própria. A obra apresentada a seguir, nos remete ao que foi colocado neste tópico, bem como, o que virá a ser discutido nos tópicos sucessores.

5. José Potyguara e o romance “Terra Caída”

José Potyguara Frota e Silva nasceu em Sobral (CE), em 1903, e ainda jovem transferiu-se para o então Território Federal do Acre, onde atuou como promotor público. Paralelamente, escreveu peças teatrais e colaborou em jornais acreanos além de publicar as obras “Sapupema” (contos), “Vidas marcadas” (romance) e “Do seringal ao asfalto” (romance).

Em meados dos anos 1950 transferiu-se para o Rio de Janeiro, como diretor pessoal do Ministério da Viação, e depois para Brasília, como assessor jurídico do Ministério do Interior. Faleceu na capital fluminense em 1991.

A obra de José Potyguara, “Terra Caída”, é considerada uma das melhores narrativas contextualizadas no período do ciclo da borracha, nela estão inseridos os contextos mais intrigantes da Amazônia, uma fase marcada pela violência, e pelas injustiças por causa da resina de uma árvore. A obra “Terra caída” é dividida em 59 capítulos, e contém 291 páginas, sendo a 3ª edição e 2ª reimpressão.

A narrativa é em 3ª pessoa com narrador linear e onisciente, pois se desenrola em torno da família do seringueiro recém-chegado no seringal, o tempo é cronológico e psicológico, pois o narrador ao mesmo tempo que está vivenciando alguns fatos se remete com facilidade ao passado, contribuindo para que o leitor compreenda a visão de mundo em que ele esta inserido, pois a narrativa se passa em espaço rural em um ambiente hostil, e também no espaço urbano o qual o ambiente luxuoso.

A primeira edição foi publicada em 1961 e retrata um período antecedente a sua data de publicação, trata-se do ciclo da borracha no território em que hoje se encontra o estado do Acre, entre o auge e o início do declínio, abordando temas específicos do contexto histórico da época, tais como exploração da mão de obra nordestina recém-chegada na Amazônia, e a questão feminina dentro do seringal. A referida obra assume um cunho de denuncia social no que diz respeito ao contexto em que foi escrita.

Os capítulos são curtos e parecem contos. Os iniciais seguem em torno da exuberante e impiedosa natureza e sua diversidade, sintetizando que a floresta torna-se objeto de paixões violentas intensificando assim os sofrimentos e desejos dos que nela residem.

José Potyguara expõe o cenário de romance, de ambição e poder, mas também de resignação e crueldade em que seus personagens tomam vida, evidenciando as inúmeras injustiças acometidas a eles nos confins da floresta Amazônica.

Jorge Viana apud Potyguara (2007) aponta no prefácio da obra que neste romance o autor mergulha em um momento dramático e intenso ao confirmar o que antes já havia sito relatado por Euclides da Cunha, na obra *À margem da história*, compreendendo assim um povo até então esquecido no interior da floresta Amazônica, visto por ele como um povo resignado ao sofrimento:

> Uma imensa floresta indomável onde a vida prolifera no mais perfeito equilíbrio, ao mesmo tempo em que revela as mais extremas contradições. Da fortuna à miséria, do medo à coragem, da liberdade à opressão, da solidão à solidariedade, da desesperança ao sonho e à utopia. Um mundo extremado que criou as condições necessárias para o surgimento do povo (POTYGUARA, 2007, p.07).

Assim, o meio hostil da floresta, a escravidão imposta aos seringueiros em meio a tantas resignações e leis arbitrárias, surge um povo marcado pelo sofrimento e pela solidão que o isolamento da floresta proporcionou, bem como, a ausência do ser feminino, principal mote de nossa análise.

6. A condição feminina na obra Terra Caída.

Dentre as temáticas encontradas no romance *Terra caída* (2007), tomamos por objeto em nossa análise a exploração sexual feminina representada no contexto histórico em que a obra está inserida. O objeto de nossa análise é a condição social em que a jovem Rosinha é obrigada a viver. Observamos a tentativa de Rosinha de se tornar independente, no entanto, esta independência é na verdade uma condição de degradação aos olhos da sociedade machista, uma vez que seu sustento vem da prostituição, não escapando de seu destino de ser inferior e submissa por conta do meio no qual está inserida.

A obra inicia com o narrador onisciente em terceira pessoa que muitas vezes usa o termo "escassez feminina", deixando nítido um machismo ao se referir à personagem evidenciando sua visão negativa da mulher, descrevendo-a como um ser emudecido cuja função se resume a satisfação do prazer sexual masculino.

A "escassez feminina" nos seringais era motivo de muitos conflitos violentos entre seringueiros: "[...] Naquele tempo, mulher era fruta rara e cobiçada nos seringais" (POTYGUARA, 2007, p.15). Nos seringais a mulher era um objeto, desejado e vulnerável, tornando-se a mais almejada mercadoria de comércio.

Márcio Souza (2009) descreve a ausência feminina nos seringais e a forma como a mulher surgiu neste ambiente, através da prostituição, principal causa da desvalorização do ser feminino: "[...] Numa sociedade carente por mulheres, também o sexo seria um privilégio, a presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lamentável condição" (SOUZA, 2009, p. 262). As mulheres foram trazidas ao seringal como prostitutas, e manter relações com elas custavam ao seringueiro um valor exorbitante.

> [...] Como todo comércio, Também aquele sofria a influência da lei da oferta e da procura. A escassez, anulando qualquer escrúpulo na seleção, valorizava a mercadoria, independentemente de condições de raça, tipo, cor, procedência, educação e até higiene (POTYGUARA, 2007, p. 16).

Para expor a condição da figura feminina no seringal, o narrador expressa sua fala machista, usando adjetivos pejorativos para descrever a personagem Rosinha. Quando usa o

termo “escassez de mulher” no decorrer da narrativa, demonstra que os homens não tinham relações sexuais, e, portanto, encontravam-se insatisfeitos sexualmente. O fato acarretava na criação de um poder centralizado nas mãos das prostitutas, no caso, Rosinha que desencadeou disputas, que por consequência geraram tragédias.

A existência feminina naquele determinado local e contexto histórico injustamente tornava a mulher objeto sexual. De certa forma as mulheres estavam subordinadas a um destino cruel e impiedoso, pois uma vez que habitavam os seringais em um número bastante reduzido, tinham que sobreviver em meio às violências ocasionadas por sua presença.

O narrador retratava a mulher com a mesma rispidez que se tratava um animal, evidenciando um discurso misógino no qual reduz a imagem feminina: [...] “Cê pensa que é melhor que as outras? A não ser um pouco mais um pouco menos de educação, vocês mulheres são todas iguais: não passam de fêmeas á espera de macho!” (POTYGUARA, 2007, p.260). Para Simone de Beauvoir (1970) o uso do vernáculo fêmea reduz a mulher a condição de animal; a autora explica que o termo profano é usado pelo homem a fim de desqualificar a mulher, marginalizando-a e excluindo-a de uma esfera moral dentro da sociedade.

> Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificação desse sentimento. (BEAUVOIR, 1970, p. 25)

Rosinha é vista como um produto que é vendido para satisfazer o desejo masculino, no entanto Rosinha tem consciência que seu ato não contribui positivamente a sua qualidade de mulher, mas sim supre suas necessidades de subsistência. Devido sua necessidade de se tornar um objeto sexual em troca do sustento, Rosinha se deixa levar por sua vaidade em ser cobiçada e se ilude ao pensar que pode fugir dos padrões patriarcais de submissão. Por ser fortemente desejada opta por não preocupar-se em seguir valores conservadores e machistas que regem a sociedade, bem como expressa em sua fala [...] “num seringal de tão poucas mulheres, por que iria contentar-se com um único homem? Mais lhe convém continuar solteira, apreciada por muitos, desejada por todos, moços e velhos. A idade não importa.” (POTYGUARA 2007 p. 95).

Rosinha se expressa como uma mulher que se submete ao meio, no sentido de que se propõe a ser objeto sexual e se demonstra sedutora, perigosa e vaidosa; o papel que representa é

inerente á sua vontade, em meio aos galanteios “foi gostando de ser apreciada e já sorri ao ouvir os elogios que lhe dirigem os rapazes, quando ela passa” (POTYGUARA, 2007, p. 49).

Influenciada pelo ambiente em que estava, Rosinha passa a ceder às investidas por parte dos seringueiros, configurando-se em objeto, no entanto é ingênua ao acreditar que escaparia das regras da sociedade conservadora e do preconceito quanto sua escolha à prostituição.

Simone de Beauvoir (1970) afirma que a prostituição “É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse individuo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor.” (BEAUVOIR, 1970, p.15) Rosinha ao decidir tomar a posição de prostituta no seringal degrada-se, pois mantém relações sexuais com parceiros que não deseja, e o faz por sobrevivência.

A personagem não se prostitui por prazer, mas sim por necessidade, ou seja, a ela é imposta essa condição, um destino forçado por estar inserida em um determinado contexto. Rosinha se defende afirmando que atende apenas a necessidade, pois não quer perecer de fome e nem ver sua mãe, que é cega, se desvair. Rosinha sabe que a prostituição é algo desumano, mas se submete a profissão, assumindo sua condição miserável [...] “por necessidade, sou mulher de qualquer um... e não tenho direito de escolher” (POTYGUARA, 2007, p. 197).

Segundo Kate Millet (1970), as mulheres pobres tornam-se objeto “forçadas a essa vida sexual (por necessidade económica ou desvio psicológico), e é difícil admitir que a tenham escolhido livremente” (MILLET, 1970, p. 87). Millet explica que,

> A sociedade patriarcal está de tal forma enraizada que o tipo de estrutura que ela determina em ambos os sexos é talvez mais um hábito de espírito e um tipo de vida do que um sistema político determinado (MILLET, 1970 p. 12).

Assim, o narrador apresenta em seus trechos fatos evidentes de que a obra está inserida exatamente no contexto ao qual Kate Millet se refere, pois o patriarcado está tão impregnado na sociedade, que se torna comum à forma como as mulheres foram subjugadas a submissão e a objetificação ao longo dos séculos, e não seria diferente nos seringais da Amazônia, onde as mulheres passavam o dia inteiro cuidando da casa enquanto seus maridos iam trabalhar.

Essas mulheres, em meio á floresta, e sozinhas em suas casas, ficavam vulneráveis a perigos da mata, ou seja, animais predadores, ataques de índios bem como serem atacadas por outros seringueiros, que furtavam as mulheres enquanto seus maridos trabalhavam, levando-as para outra localidade para nunca mais retornar. A situação de vulnerabilidade em que essas mulheres eram postas é bem nítida:

> Ausentes dos maridos o dia inteiro, no trabalho da seringa, seria uma imprudência deixar as mulheres sozinhas naquele ermo de floresta infestada de onças e de índios, além de duzentos homens, quase todos solteiros, transformados, pelo problema do sexo, em perigosas feras humanas (POTYGUARA, 2007, p. 17).

MISSI (1979) explica que "Não é novidade que a posição social da mulher, quanto ao desempenho de papéis sexuais, tem sido subalterna á do homem em todas as sociedades." (MISSI,1979, p. 12). Ao descrever as características físicas de Rosinha "linda morena, de olhos negros cismadores, dentadura perfeita e seios empinados a provocar a cupidez de cento e muitos seringueiros sem mulher" (POTYGUARA, 2007, p. 16). O narrador não apenas descreve-a fisicamente, mas a acusa por possuir beleza estonteante que causa tantos conflitos; dessa forma constrói um julgamento dos atos da personagem e a expõe ao leitor questionando o real motivo da prostituição de Rosinha: [...] "Cercada de homens (caixeiros, comboieiros, seringueiros), dificilmente uma moça e bonita se conserva inatingível aos galanteios que, se não afetam a virtude, despertam a vaidade" (POTYGUARA, 2007 p.49).

A descrição apresenta Rosinha vulnerável, sugerindo que a personagem, logo se corromperia ao desejo e a luxúria, fato verificado no trecho em que recebe visita: [...] "Rosinha havia mudado o vestido e prendido o cabelo para trás, com uma fita azul" (POTYGUARA, 2007, p.24). O novo vestido e o adorno em seu cabelo a coloca em uma vitrine de exposição como mercadoria a ser consumida. O que evidencia o fato de que a mulher é educada para agradar o homem, como explica Simone de Beauvoir (1967): "A suprema necessidade para a mulher é seduzir um coração masculino; mesmo intrépidas, aventurosas, é a recompensa a que todas as heroínas aspiram; e o mais das vezes não lhes é pedida outra virtude senão a beleza" (BEAUVOIR, 1967, p.33).

O narrador evidencia o poder de sedução da personagem e Rosinha passa a ser exaltada por características físicas, e exuberância de seu corpo, contudo essa descrição é um presságio, uma espécie de aviso contaminado de que a personagem será o motivo de estragos, causados por aqueles que a cercam.

No caso da personagem Rosinha, sem perceber a influência que o ambiente exerce sobre ela e ao responder aos galanteios, é machucada por ser ingênua ao pensar que exercia algum poder sobre os homens. A personagem passa por metamorfose de mulher vislumbrada e almejada enquanto ainda virgem, e transforma-se na prostituta de qualquer um, tornando-se um ser desprezado ao longo da narrativa.

O papel dos homens que a possuem é o de somente satisfazer suas necessidades sexuais, o que nos remete a usurpação do ser feminino. Após ter mantido relações sexuais com mais de

100 homens, Rosinha passa a ser desprezada pelos homens que a ambicionavam e finalmente cumpre seu papel apropriado de submissão se mudando para a sede do seringal para servir a um homem inválido. Simone de Beauvoir explica que “a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 1967, p.21).

Rosinha é corrompida pelo meio, pois constituía parte de um painel que demonstra a condição precária de vida em que se encontravam os habitantes da região, que em sua maioria eram homens que viviam no ambiente hostil da floresta e no isolamento que assombrava os habitantes.

O ambiente é o principal causador de sua resignação, pois enquanto noiva de Nonato se portava obediente as suas funções de castidade demandadas pela sociedade machista, porém o fato de ser cobiçada lhe dá o poder de ter outros parceiros sexuais, o que ocasiona o desatar do noivado com Nonato. Este a ama sem ser correspondido, pois Rosinha se porta indiferente com relação a Nonato sendo negligente ao amor recebido e aceita galanteios de outros homens, fator que faz com que Rosinha desencadeie a ira de Nonato, que se considera com a razão e o orgulho ferido. Assim, o noivo abandonado assassina dois homens por ciúmes de Rosinha.

Em uma noite ao sair á procura de Rosinha em seu casebre, escuta uma voz masculina vindo do interior do quarto de Rosinha, pensando ser Tomaz, a quem ele acredita estar cortejando Rosinha, Nonato, tomado por ciúmes arma sua espingarda com uma linha na frente da casa, para que quando o homem saísse, a arma disparasse e o matasse. No entanto, Nonato descobre tardiamente que o homem que dormia com Rosinha aquela noite era seu pai. Assolado pela tragédia resolve se entregar a justiça:

> Afinal, de madrugada, um tiro ecoa no silêncio da noite. Gritos de mulheres misturam aos latidos do “Veludo”.
> Saindo do esconderijo, Nonato correu para a barraca. Não lhe importava o flagrante de sua presença. Queria contemplar a cara do rival, ferido de morte. A armadilha não falhara!
> Muito aflita, Rosinha traz um farol e ilumina o terreiro.
> Caído junto à porta, a mão comprimindo o peito ensanguentado, Zé Rufino agoniza.
> Reconhecendo-o, Nonato arregala os olhos numa expressão de surpresa e logo o rosto se contrai num esgar de louco. Como que ainda duvidando, exclama:
> - Mas... era... era ele? Meu pai?!” (POTYGUARA, 2007 p. 194)

O segundo assassinato ocorre quando Nonato chega ao barracão do seringal para se entregar ao Coronel, já que era ele quem julgava os crimes, e o capataz do coronel, Tomaz,

provoca Nonato dizendo que já havia dormido com Rosinha por inúmeras vezes, inclusive enquanto ela ainda era noiva de Nonato, o que fere a honra do noivo rejeitado e o faz investir ferozmente contra ele, dando vários golpes de faca em Tomaz e levando-o a morte:

> Foi tão rápido que nem deu tempo de evitar. Quando os caixeiros acudiram e desarmaram Nonato, a barrida de Tomaz já estava pepinada, o intestino saindo pelos buracos. (POTYGUARA, 2007 p. 208)
> [...]– Mais a única culpada disso é a maluca da Rosinha. Nonato é um bestalhão. Sacrificou-se por uma vagabundinha que nem sequer gostava dele. (POTYGUARA, 2007 p. 210)

Por conta de ter escolhido a prostituição a ela são negados os sonhos de casamento e família, este sonho ficara no nordeste, quando era noiva de Nonato. Agora ela tinha sido rebaixada a ser desprezível; perdido em meio aos desejos dos demais homens do seringal a quem ela muitas vezes se entregara, tornando-se marginalizada no seringal, e consciente de sua inferiorização: “Eu sei que sou um sapoti podre..., desprezado por todos! Eu sei!...” (POTYGUARA, 2007, p.282).

Tornando-se prostituta, Rosinha percebe que a possibilidade de casar lhe é negada, assim como qualquer forma de vida diferente da prostituição, evidenciando que jamais alguém a queira senão para usá-la, sua existência restringe-se apenas em sua função de proporcionar a satisfação sexual.

O narrador expressa uma misoginia em relação à personagem feminina e a culpa pelas tragédias ocorridas no decorrer da história, como se sua própria existência e beleza a tornasse culpada. O simples fato de estar em um meio masculino, quase absoluto, visto que a maioria das mulheres residentes eram casadas; a posição de Rosinha enquanto descompromissada, remete a ela a função de apenas saciar o desejo. O que a torna objetivamente restrita a satisfação do prazer sexual.

Segundo Kate Millet (1970):

> “Também em certa medida a prostituição não é senão o reflexo das condições económicas patriarcais nas quais as mulheres estão sujeitas, na maioria dos casos, a vender o sexo para sobreviver. A degradação em que a prostituta vive, a atitude punitiva que a sociedade adopta para com ela, não são mais do que ecos de uma civilização, cujo comportamento geral em relação ao sexo é absolutamente negativo, e que impõe penas severas à promiscuidade nas mulheres, mas não as condena no homem”(MILLET, 1970, p.97).

A personagem analisada em questão é apresentada como um ser vulnerável ao sexo recompensado e sua escolha ocasiona o julgamento negativo dos homens sobre o ato, mesmo que

eles usufruam dessa escolha. A misoginia enfrentada pela personagem é evidenciada na fala do Coronel que expressa claramente sua visão sobre as mulheres do seringal ao compará-las com a sua esposa, afirmando que para ele a mulher é um ser sem nenhum valor, cujo único propósito é dar aos homens satisfação, "para ele, ambas não passam de instrumentos de satisfação sexual" (POTYGUARA, 2007, p.72).

A questão desqualificativa em que a mulher é colocada pelo narrador é motivo de revolta discutido por décadas entre as feministas, tais como Kate Millet (1970) que afirma:

> A influência do sexo forte sobre a sociedade em geral e sobre o temperamento masculino (que governa essa mesma sociedade) em particular é tal que as próprias crianças experimentam um sentimento de superioridade e satisfação perante estas atitudes e preconceitos discriminatórios (MILLET, 1970, p.68).

No romance, Rosinha é colocada como um ser ignóbil, e a personagem é martirizada pelos seus sofrimentos no seringal e julgamentos em torno de sua posição quanto ao sexo. Kate Millet (1970) afirma que,

> No caso da prostituição, parece existir a necessidade fundamental de «proclamar», ou pelo menos de afirmar, a supremacia masculina através da humilhação da mulher. Quando a prostituição não é motivada por qualquer exigência financeira, ela pode ser considerada como uma espécie de intoxicação psicológica nascida do desprezo que a prostituta que vende o seu corpo vai gradualmente sentindo (MILLET, 1970, p. 95).

Rosinha é obrigada a conviver com sua condição de rejeitada; ela que sempre se viu cobiçada por todos os homens do seringal, transforma-se em dejeto, o que para a personagem era algo devastador.

> Rosinha tá mudada. É outra muito diferente. Dá até pena ver lágrima naqueles olhos, que não nasceram pra chorar. Agora, desiludida, sem esperança, largada da vida... largada de tudo... Rosinha é só tristeza... Aquela menina alegre sumiu na "*terra-caída*" da desilusão (POTYGUARA, 2007, p. 285).

Agora só lhe restava à solidão em meio à companhia da mãe cega e de Coronel Tonico, um homem cujas principais características eram o machismo, a misoginia e a maldade. Coronel Tonico deixava os seringueiros famintos, não possuía escrúpulos, e não media esforços para conservar sua fortuna, mesmo que isso custasse à vida dos pobres nordestinos. O personagem é punido na narrativa pelos seus atos, tornando-se doente e inválido.

O autor nos evidencia que o ambiente em que Rosinha vive é totalmente destruidor, pois a natureza e o decorrer dos fatos se encarregaram de fazê-lo assim, devido à exploração, escravidão e péssimas condições sociais de vida naquele lugar. Cada vez que se entregava em troca de seu sustento Rosinha era privada da alegria de viver, transformando suas esperanças em tristezas, como se sua felicidade tivesse sido destruída, da mesma forma que o rio destrói o barranco onde estava a sede do seringal, afligindo os que ali ficaram quando o rio levou para o fundo da água tudo que estava à margem, depredando o pouco que ainda restava, e deixando no coração daqueles que residiam no seringal apenas um sentimento de desolação e desesperança que os conduzia para o desfecho amargo. "[...] o mais impressionante é que essa tristeza contamine também as pessoas, pela desilusão, deixando as almas arrasadas como *terras-caídas*" (POTYGUARA, 2007, p. 284).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *Terra caída* o autor José Potyguara retrata acontecimentos e tragédias do período do ciclo da borracha, descrevendo a grande parte da sociedade daquele local, representada pela camada pobre, como um povo arrebatado por desesperança e fome.

Os acontecimentos do ciclo da borracha foram inúmeras vezes relatados por outros escritores ou por documentos históricos, e Potyguara consegue transmitir ao leitor as sensações e sentimentos que as pessoas do seringal, povo assolado que buscou conviver com as diferenças e isolamento da floresta, vivenciaram naquele contexto histórico, momento o qual relata os desígnios que nossos antepassados sofreram, herança de todos brasileiros, e que podemos hoje, nos apropriar para mudar nossa realidade.

Potyguara também traz à tona a questão feminina que é objetificada e marginalizada dentro de uma sociedade conservadora e preconceituosa. A mesma sociedade que objetifica sexualmente a mulher, é aquela que a condena por ser prostituta.

O ser feminino é neste trabalho representado pela mulher na Amazônia durante o ciclo da borracha, período marcado por uma série de injustiças, em consequência da subordinação humana a um sistema de trabalho escravocrata, rude e feudal, comprovando que a vida das mulheres que residiam nesta região naqueles tempos estavam resignadas a sofrerem rispidamente o assédio moral e sexual.

Neste período a ausência de mulheres naquela região era uma realidade pertencente ao local, e homens grotescos transformavam-se em verdadeiros caçadores, o que fez com que as poucas mulheres que no seringal viviam, sofressem diversas formas de violência, pois em maioria, os homens sedentos por sexo, ocasionavam uma série de distúrbios violentos ao ser feminino, pois essas mulheres desprotegidas dentro do seringal, eram vulneráveis a uma série de perigos resultantes do isolamento em que se encontravam na floresta.

A escassez feminina, termo usado pelo autor, relatada o fator principal das inúmeras injustiças acometidas contra as mulheres, como se o sequestro e o estupro pudessem ser justificados pela disputa do reduzido número de mulheres que habitavam o local.

Ao tomarmos como principal mote de nossa análise a condição feminina na obra *Terra caída* de José Potyguara, esclarecemos a condição social da personagem Rosinha, retratada pelo narrador como uma mulher que simplesmente se entregou aos homens sem se dar conta que seu destino seria traçado pelo sofrimento e abandono em torno daqueles que lhe desejavam tanto.

Desde o momento que chega ao seringal, Rosinha, com sua beleza cativante, está destinada à condição que posteriormente é vivida. A morte de seu pai, e a cegueira de sua mãe

lhe direciona para a prostituição, seu fardo é visivelmente pesado, pois o meio a obriga a se prostituir para seu auto sustento.

Assim no desenvolver da narrativa observamos que o meio social em que ela está inserida é o principal causador de seu sofrimento e de sua condição, pois em meio à floresta e milhares de homens sedentos por sexo, na sua posição de moça bonita e cobiçada, ela se corrompe e cede às inúmeras investidas dos homens, transformando-se aos poucos em mero objeto sexual, destinada apenas para a satisfação do prazer daqueles homens.

Rosinha era ingênua em relação ás consequências de seus atos; se preocupava somente com o próprio sustento e o de sua mãe. Seu papel de objeto passivo e disponível á qualquer parceiro sexual, a transforma em joguete do destino e vítima do meio social em que foi inserida, sendo posteriormente subjugada, repudiada e condenada e viver sozinha, apenas pelo fato de ter uma posição realista no seringal.

Em suma, a condição da personagem acima citada foi de grande relevância para nossa análise e para que tomássemos uma posição quanto a sua subordinação. A literatura atua como agente de transformação e transmissão de conhecimentos e valores, modificando nossa forma de pensar e agir, exercendo diversas funções na vida humana, dentro de diferentes contextos, usando formas muito distintas de representar o mundo a nossa volta e possibilitando uma aproximação com o mais profundo de nosso ser, resultando a indignação que nos move para lutarmos contra as injustiças sociais, a objetificação sexual e escravidão humana. Em diversas lutas em prol da liberação feminina e conquista de seus direitos sociais, a mulher tem conseguido mudar sua história ao longo dos séculos, desmontando diversos conceitos originados do discurso patriarcal machista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense s.a., 1981. Coleção primeiros passos – 44.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo I, Fatos e Mitos.** 4ªed. Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II, A Experiência Vivida.** 2ªed. Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1967.

BONNICI, Tomas & ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária.** 3ªed. Maringá: Eduem, 2009.

CANDIDO, Antônio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura**. 24 (9): set, 1972.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COELHO, Nely Novaes. **Literatura Infantil**. 7ªed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Heloisa Lara Campos da. **SUMANLU** - Revista de Estudos Amazônicos In: Reflexões em torno das raízes culturais da mulher na Amazônia. ICHL, Manaus, 2000.

CUNHA, Euclides. **À Margem da História.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In; **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2010.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.

KOSS, Monica von. **Feminino + Masculino**: ed. São Paulo: escrituras editora, 2000.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos).

MILLET, Kate. **Política Sexual**. Lisboa: Dom Quixote, 1970.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Edenismo & Infernismo.** In: Fatos da Literatura Amazonense. EDUA, 2ª Ed. Revisada, 1998, p. 125-180.

MISSI, Michel. **O Estigma do Passivo Sexual**: ed. Achiamé. Rio de Janiero, 1979.

POTYGUARA, José, 1909 – 1991. **Terra caída** : romance : prefacio de Jorge Viana. -3 .ed. – São Paulo : Globo, 2007.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Valer, 2003.

_____. **A História da Amazônia.** Manaus: Valer, 2009.